

DAS IMAGENS E DOS SONHOS: DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL

Odete Dourado

Professora Adjunta da Faculdade de Arquitetura da UFBA

Como os sonhos só são sonhos enquanto sonhados, as imagens só são imagens enquanto vividas na imaginação. Uma vez interpretadas, desvanecem e então, já não são mais imagens.



Fotogramas de *Deus e o Diabo na Terra do Sol* dirigido por Glauber Rocha.

No dia 24 de março de 1964, pouco antes do embarque de Glauber Rocha para a Europa, onde iria preparar seu filme para que pudesse ser apresentado no festival de Cannes, realizou-se um debate sobre “Deus e o Diabo na Terra do Sol”, patrocinado pela Federação dos Clubes de Cinema do Brasil, representada por seu presidente, Valter Pontes, e pelo Grupo de Estudos Cinematográficos da União Metropolitana de Estudantes (UME), tendo Alex Viana como condutor. O próprio Glauber Rocha, atrapalhado com a papelada para a viagem, chegou quando o debate já ia em meio. Gravado e transcrito, o debate não foi revisado nas partes referentes a Glauber Rocha e Alex Viana. De qualquer forma,

procurou-se manter, nessa transcrição, a espontaneidade da discussão.¹(ROCHA, 1965, p. 115-150)

– ALEX VIANY (AV): Ainda encontro muita dificuldade em falar sobre Deus e o Diabo na Terra do Sol, a não ser em conversas informais. Creio que isso está acontecendo com muitos de nós. É um filme muito surpreendente, tão acima de tudo o que se poderia esperar que, realmente, até agora, não consegui tomar pé nele e procurar relacioná-lo com o cinema brasileiro. [...]

– RONALDO MONTEIRO (RM): Eu não encontrei consistência nas personagens. Vi o filme apenas uma vez, é verdade, mas parece-me que as personagens têm uma definição genérica, e só.

– NORMA BAHIA PONTES (NBP): Mas você acha que isso é negativo, que deveria haver um maior desenvolvimento individual de cada personagem?

– RM: O filme já é confuso; eu, pelo menos, achei-o muito confuso. E, não se entendendo bem as personagens, isso fica ruim, muita coisa não se esclarece.

– NBP: Eu também vi o filme uma só vez. Mas me parece que as três personagens-chave estão no filme como representantes de coisas míticas. Não representam indivíduos. São figuras míticas. A importância de cada uma das personagens-chave está no contexto geral, no que elas representam, do que nas características individuais de cada um. Há um contexto mais amplo do que a figura física que vemos.

– RM: Concordo, mas o fato de as personagens terem esse caráter mítico predominante não impediria que o Glauber esclarecesse melhor cada personagem. Não precisaria individualizar o tipo, porque, realmente, tal não era a preocupação. Mas eu gostaria que o filme fosse mais compreensível. Muitas vezes, fiquei sem saber se o Glauber quis dizer alguma coisa e não o conseguiu ou se não quis dizer coisa alguma: quis apenas fazer, pura e simplesmente.

– LUIS ALBERTO SANZ (LAS): A meu ver, era necessário fazer com que o espectador percebesse melhor os personagens, para que, inclusive, entendesse muita coisa que o Glauber pretendeu dizer, na imagem e nas entrelinhas. O filme tem um ritmo muito movimentado; possui uma

¹ **Nota do autor:** Aqui foram transcritos trechos do debate que consideramos pertinentes ao que se quer expor.

narrativa muito moderna. E, se o espectador não alcança o personagem, acaba ficando inteiramente por fora de tudo aquilo. [...]

– RM: O problema é que o personagem fica incompreensível. É isso. Eu proponho, então, que tentemos esclarecer aqui cada tipo, cada representação – já que cada um representa alguma coisa –, para que cheguemos à finalidade de Glauber, à preocupação de Glauber, alias. [...]

– AV: Eu acho que uma coisa deve ser definida da saída: refiro-me justamente ao que o filme pretende. [...]

– RM: Eu tenho uma dúvida. Não estou querendo contradizer: estou querendo apenas marcar minha posição. De fato, quase no final do filme, ele mais ou menos dá a impressão de que esclarece a situação: acabou-se a cegueira de Deus e a cegueira do Diabo, a terra é dos homens e para os homens. O filme prossegue e o Manuel continua correndo pela terra, até que o sertão vira mar e o mar vira sertão. Exatamente o que haviam dito o beato e o cangaceiro. Não entendi bem o sentido desse final, pois, se pretende justamente destruir a cegueira do misticismo, acaba por mostrar que o misticismo tinha alguma razão. [...]

– LAS: Toda aquela peroração do beato e do cangaceiro, querendo que o sertão virasse mar, era algo que a população realmente exigia, era alguma coisa necessária. O homem obtém aquilo sem Deus e sem o Diabo. É o homem que vai até lá e o obtém. Inclusive, naquela corrida final, há um fato que eu acho muito importante: Manuel e Rosa correm; Rosa fica no caminho e não chega. Por quê? Porque Rosa é a única que não acredita em nada, que é inteiramente céptica. Por isso, Rosa não chega: Rosa não vê o sertão virar mar. Ele, que acredita em alguma coisa, e por isso errou muito durante toda a vida, adotando o misticismo do beato e o cangaceirismo de Corisco, até chegar a um ponto em que começa a ver, vê que o homem é a solução. Ele, então, pôde chegar. [...]

Nesse instante chega Glauber...

– LAS: Glauber, falou-se aqui sobre a cena final, em que Rosa fica no meio do caminho. Por que você deixou a cena como está?

– GLAUBER ROCHA: [...] Pode ser alucinação minha, mas eu acho que o momento de filmar mistura um bocado de coisas e dá um resultado sempre inesperado. No caso, aconteceu que ela caiu e, na hora em que ela caiu, ficou bom. Deixei assim.

Como os sonhos só são sonhos enquanto sonhados, as imagens só são imagens enquanto vividas na imaginação. Uma vez interpretadas, desvanecem e, então, já não são mais imagens.

REFERÊNCIA

ROCHA, Glauber. **Deus e o Diabo na Terra do Sol**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. p. 115-50.